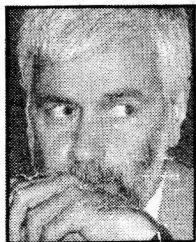


Bacha acredita que trocar débito por títulos ainda deve levar muitos anos

LÚCIO SANTOS

A transformação de parte da dívida externa brasileira em títulos, que os economistas chamam de securitização, ainda deverá levar alguns anos de negociações entre o Governo



Edmar Bacha

brasileiro e os bancos credores. A opinião é do economista e ex-Presidente do IBGE, Edmar Bacha, para quem o sistema financeiro internacional ainda não está preparado para esse tipo de acordo.

Bacha disse que a proposta dos banqueiros é manter o formato e o ritual já tradicional da renegociação da dívida. Mas para ele, já que dificilmente conseguiremos mudar a forma, devemos tentar mudar o conteúdo da renegociação, buscando um acordo que reduza o dreno de recursos do Brasil para o exterior.

O Ministro Bresser Pereira está consciente dessa situação, disse Bacha, ao explicar que a proposta apresentada pelo Governo brasileiro para a obtenção de novos empréstimos no valor de US\$ 10 bilhões (CZ\$ 526 bilhões), além do refinanciamento dos juros atrasados, tem esse sentido. Para o economista, o problema da renegociação da dívida externa se resume ao volume de novos emprésti-

mos a ser obtido pelo Brasil, à redução do **spread** pago aos bancos e a algum tipo de acompanhamento das contas brasileiras por parte do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Em cima desses três tópicos, disse Bacha, é que o Brasil acabará mesmo fechando um acordo com os bancos dentro dos moldes tradicionais. "O que precisamos determinar é se dentro do contexto tradicional haverá um volume de financiamento externo adicional suficiente para que possamos continuar empurrando a dívida com a barriga", disse ele.

Mas alguma forma de relacionamento com o FMI será inevitável, acrescentou Edmar Bacha, principalmente se precisarmos assinar um acordo **stand-by** com o Fundo. Mas se isso não for necessário, deverá haver pelo menos um contato ampliado, ou um monitoramento ampliado, como os técnicos do FMI preferem. Isso significa que o acordo com os bancos estaria condicionado a uma visita semestral de uma missão do FMI ao Brasil, para análise do desempenho da nossa economia, e o estabelecimento de metas quantitativas, cujo cumprimento seria verificado nessas visitas.

Bacha disse que os bancos credores têm interesse que o Brasil faça um acordo com o FMI, principalmente por causa do pagamento de US\$ 900 milhões (CZ\$ 47,3 bilhões) que o País terá de fazer ao Fundo no próximo ano. Os banqueiros, disse Bacha, não querem emprestar dinheiro ao Brasil para que o País pague sua dívida junto ao Fundo.